

A MÚSICA E OS INÍCIOS DO HOMEM

Music and the beginning of mankind

Achille Guido Picchi¹

¹Graduado em Educação, Piano e Letras, o Prof. Achille Picchi tem mestrado em Educação pela USP. Atua como professor universitário nas áreas de História da Música, composição, análise e teoria musical, além de ser compositor, regente e camerista.

PICCHI, Achille Guido. *A música e os inícios do homem. Mimesis*, Bauru, v. 29, n. 2, p. 43-48, 2008.

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre a manifestação musical nos tempos pré-históricos e, a partir de fatos e especulações, se o Homem primitivo conheceu a música como expressão.

Palavras-chave: Pré-História. Homem primitivo. Música primitiva. Mimesis e expressão.

ABSTRACT

This paper aims to make a reflection on the prehistoric musical manifestations. Based on facts and speculations, seeks to establish if the primitive man has or has not know the music as an expression.

Keywords: Prehistory. Primitive man. Primitive music. Mimesis and expression.

Recebido em: agosto de 2008
Aceito em: dezembro de 2008

Como seria possível determinar se o Homem pré-histórico conheceu ou não uma manifestação musical?

De pronto pode-se dizer que não seria. Porém, na tentativa de rasgar esta idéia, tudo o que podemos fazer, em base a fontes e alguns fatos objetuais, é especular.

O Homem pré-histórico

O perfil do Homem pré-histórico é rigorosamente diverso da idéia única que a princípio possamos fazer dele. Aquele que conhecemos e que se distingue dos animais pelo raciocínio é apenas a ponta final da evolução: o *homo sapiens*.

Hoje em dia, cada vez mais fica distante a origem do Homem. Segundo registros arqueológicos um, dois ou talvez três milhões de anos nos distanciam de nossos antepassados.

É preciso considerar que, segundo a ciência arqueológica, antes do *homo sapiens* várias foram as espécies de homínídeos que existiram. Porém, uma em especial, a mais importante que nos antecedeu, foi a dos chamados Neanderthal. Essa espécie viveu entre 300.000 e 28.000 anos atrás e desapareceu quando os modernos humanos colonizaram seus territórios. Segundo alguns pesquisadores, os Neanderthal possuíam uma linguagem musical que possivelmente foi herdada pelos modernos humanos. É possível que aquela espécie usasse tanto a voz falada quando a cantada para se comunicar. Baseando-se em estudos cranianos e afins, as pesquisas apontam uma possibilidade de emissão vocal potente e, possivelmente, melodiosa (MITHEN, 2008).

Entretanto sabe-se que os homínídeos em geral demoraram muito a se agregar em grupos, a viverem em comunidade. A convivência desses primeiros humanos com a natureza provavelmente se fazia numa espécie de simbiose entre os fenômenos naturais e suas consequências, até que aconteceu, por qualquer razão de qualquer forma não localizável, a ruptura eu-mundo. Foi nesse momento que se instalou o princípio da percepção do fenômeno básico do som – e sua apropriação.

O som como material

O som. A criação se fez sob sua égide e ao redor dele o ser humano apareceu. As terríveis manifestações do clima, as chuvas torrenciais ou mansas, as torrentes de rios caudalosos, o estrugir das ondas

PICCHI, Achille Guido. *A música e os inícios do homem. Mimesis*, Bauru, v. 29, n. 2, p. 43-48, 2008.

PICCHI, Achille Guido. *A música e os inícios do homem. Mimesis*, Bauru, v. 29, n. 2, p. 43-48, 2008.

do mar, os relâmpagos e trovões, o soprar dos ventos alísios ou furacões ensurdecedores: tudo era indistinta massa de sons complexos e irregulares. Ruído, enfim: este o som existente na natureza em geral para o Homem pré-histórico, incluindo as vozes dos animais.

O som musical, como se o conhece, não existe na natureza. Ou seja, aquele som que é regular, uma variação periódica da pressão, com frequência e amplitude variáveis em limites fixos. Este é criação humana, que ao reconhecê-lo faz dele diferença do ruído. Criação humana enquanto criação de sentido, bem entendido, visto que a percepção dos fenômenos periódicos, como a periodicidade em si, foi da observação à aplicação enquanto processo de conhecimento. Isto é, o desvão entre a materialidade sonora e sua apropriação cognitiva se estreitou e, assim se manifestou como som musical.

Porém o som musical só aparece juntamente à necessidade de comunicação quando da associação entre humanos, já conscientes e atentos ao fator de sobrevivência que os fazia mais vulneráveis como indivíduos, mas fortes como grupo.

Isto se dará no período chamado paleolítico, há mais de 50.000 anos atrás.

O nascimento da música

Se desde as descobertas das pinturas nas cavernas¹ e esculturas matriarcais é possível recuar a manifestação ritual-utilitária do Homem em até 50 mil anos, não o é com a música, a não ser por pelo menos 5 ou 6 mil anos, como claramente demonstram registros escritos antigos, por exemplo dos povos do Vale do Indo. Isto, é claro, porque nos falta o registro do essencial: o som ou qualquer grafismo que o represente. Entretanto essas manifestações visuais podem nos fornecer pistas para especulações mais ou menos consistentes, escuradas inclusive por artefatos descobertos em sítios arqueológicos que poderiam ser instrumentos musicais.

Para além desses artefatos, nas pinturas rupestres podem ser vistos mágicos e dançarinos com máscaras de animais em situação que sugere rito. De um modo geral essa representação interessa muito à especulação sobre o Homem paleolítico. A incorporação do supra-natural, sugerida pela máscara, pode ter sido uma maneira de lidar com o mistério da vida natural que, provavelmente, deu ensejo ao sentimento de comunhão que está na raiz da religião. Nesse caso

1 Especialmente Lascaux, na França e Altamira, na Espanha.

gritos, elevações da voz e chamados foram usados como espécie de possessão; foi assim também com os movimentos corporais, provavelmente executados em conjunto. O que seria a base primeva do ritmo e, naturalmente, da dança.

Em verdade, tudo se deve à capacidade primacial do Homem de apreender e, com isso, aprender através da imitação identificativa: a mimesis.

Diz Aristóteles, na Poética, IV:

O imitar é congênito no homem (e nisso difere dos outros viventes, pois, de todos, é ele o mais imitador e, por imitação, aprende as primeiras noções), e os homens se comprazem no imitado.(ARISTÓTELES, apud DUARTE, 1997, p.28)

Com essa afirmativa o estagirita, depurando e mesmo implementando a doutrina de seu mestre Platão², refere-se a uma conceituação primeira de arte: a arte imita a natureza. Ou seja, desde que se apercebeu, no sentido fenomenológico do termo, do mundo à sua volta, o Homem o teatralizou, combinando gesto corporal e sonoridades, das mais diversas maneiras, tanto com a própria voz como emissão sonora, quanto servindo-se de artefatos sonoros.

Assim, Herbert Spencer e Charles Darwin, levando em conta a evolução biológica e a adaptabilidade pela sobrevivência, dizem que a música proveio da imitação, como “organização”, especialmente do canto dos pássaros.³

Darwin, inclusive, une essa imitação à época dos acasalamentos, diferenciando-se nesse particular de Spencer.

Wallaschek (1893), antropólogo e etnomusicólogo alemão, fundamenta as origens no ritmo, especialmente o que se cristalizou proveniente do movimento executado nos trabalhos coletivos. Mas essa suposição encontra obstáculos nas descobertas arqueológicas, visto que a flauta mais antiga já encontrada data de 43 mil anos atrás.⁴ Antes, portanto, dos indícios que mostram a agremiação de humanos em comunidade ou protocomunidade e, assim, antes de um pretense trabalho coletivo de subsistência.

PICCHI, Achille Guido. *A música e os inícios do homem. Mimesis*, Bauru, v. 29, n. 2, p. 43-48, 2008.

2 Na República, especialmente no Livro X.

3 É preciso ressaltar-se que, naturalmente, os pássaros não cantam. O estabelecimento do periodismo sonoro, em contraste com a irregularidade geral circunstante, levou aos ouvidos humanos racionalizar o som produzido pelos pássaros como *canto*. Entretanto especula-se aqui que o caminho inverso, como protomúsica originária, possa ter-se dado.

4 Encontrou-se, efetivamente, um artefato em forma de flauta numa caverna da Eslovênia, Dirje Babe, em 1995, o qual foi atribuído aos Neanderthal.

PICCHI, Achille Guido. *A música e os inícios do homem. Mimesis*, Bauru, v. 29, n. 2, p. 43-48, 2008.

O musicólogo Büchner também entende o nascimento da música através de uma pretensa observação e imitação do ritmo inicial e, mais ainda, principalmente admitindo sua existência como existência da comunicação, o que coloca a música, como manifestação, muito perto das assim chamadas protosociedades, relativamente recentes. Isto faria distanciar os primeiros homínidos inteligentes de tal forma que nos deixaria sem uma tentativa de uma explicação razoável do porque não se pode imaginar uma manifestação anterior, em vista das evidências arqueológicas.

Já Schmitt e, especialmente, o importante etnomusicólogo Carl Stumpf fazem egredir a música do canto e com fins de comunicação, seja entre os semelhantes, seja propiciatória do mistério, fundamentalmente imitativa entre si. Fazem notar que provavelmente não haveria distinção notável entre fala e canto, unindo assim tudo na linguagem.

Há muitos estudiosos que sustentam um nascimento único da música. Mas a poligênese humana levou à consideração similar da poligênese da música, tanto a vocal como a linguagem. Porém pode-se dizer que sempre seria funcional e indissociada do gesto, da comunicação sonora como troca relativa às sensações primárias, como o medo ante os elementos, a urgência procriativa, o mágico contato com o mistério através do som percebido e produzido pela própria garganta, como que provindo de uma parte invisível de seu ser.

Especulações não conclusivas.

Voltando à questão se o Homem primitivo teria conhecido uma manifestação musical, percebe-se que, com fundamento ou não, tudo o que se pode fazer, de fato, ainda são especulações, não conclusões. Mas, como indica a origem da palavra ⁵, indícios e, mesmo, o estudo das tradições e comportamentos geneticamente herdados levam-nos a ilações não desprovidas de cabimento.

Poderíamos, agora, aventar a hipótese segundo a qual talvez o que aqueles seres de priscas eras tivessem fosse a ânsia da catarse, ou alguma catarse, para apaziguamento do espírito em relação ao conhecimento, como a qualquer outro mistério da natureza que os circundava. E desta ânsia nascia o contato com o som, percebido e/ou produzido que, trocado, reproduzido artificialmente, intercambia-

5 *Speculum*, em latim, significa literalmente espelho. Desta forma, *speculare*, especular, talvez metaforicamente seria refletir, como atividade mental, aliás muito próxima da mimese ontológica.

do e aliado ao gesto e às atitudes de temor gerou, simultaneamente, a semente da música, o cerne da dança e os inícios da linguagem, base sobre a qual o desvelar do mundo se assentará.

Advogamos, dessa forma, que a linguagem em si mesma, aquela designatória do mundo, delimitadora organizadora dos sentidos, a que recorta o universo existente do universo que o Homem denomina – e assim o faz um -, esta nasceu posteriormente às tentativas sonoras do ser humano.

Essas tentativas sonoras não chamar-se-ão música até que haja uma distribuição das pessoas em hierarquias quaisquer que sejam, tribais ou mesmo sociocomunitárias. A música, propriamente dita, estaria sim na base da comunicação bem como na encruzilhada fala-canto. Mas, bem entendido, daquela comunicação que vem estratificada e condicionada por algum relacionamento social, configurando a matéria sonora criada nesse meio como produção (meio utilizado/objeto pretendido).

Nasce a protoestrutura, quase toda ela buscada na possibilidade de ajuda mútua, mas também na inelutável idéia expansionista e demasiado humana do poder. Com ela nasce a expressão humana que será base de assentamento, pelo som, da fala e linguagem, criadora de mundos.

Essa expressão primeva nutrirá a consciência do tempo, daí a História; a memória, daí o Mito; e a perplexidade interior, daí a Poesia. Numa palavra, a Arte, em geral.

E a Música, em particular.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Rodrigo (org. e seleção de textos). **Do Belo Autônomo. Textos clássicos de Estética.** Ed. UFMG. Belo Horizonte, 1997

MITHEN, Steven. **The singing neanderthal: the origins of music, language and body.** Univ. of Reading Press. Londres, 2008.

WALLASCHEK, Richard. **Primitive music: an inquiry into the origin and development of music, songs, instruments, dances, and pantomimes of savage races.** Longmans, Green, and Co., 1893

PICCHI, Achille Guido. *A música e os inícios do homem. Mimesis*, Bauru, v. 29, n. 2, p. 43-48, 2008.